

Quando as vozes são escutadas: resenha do livro *A transferência irônica na esquizofrenia*, de Marina Moreira Carrilho (2025)

*When the voices are heard: review of the book
The ironic transference in schizophrenia,
by Marina Moreira Carrilho (2025)*

*Cuando se escuchan las voces: reseña del libro
La transferencia irónica en la esquizofrenia,
de Marina Moreira Carrilho (2025)*

Gustavo de Siqueira Oliveira¹

Em tempos nos quais o vocabulário psicopatológico tem sido mais difundido na cultura, os diagnósticos psiquiátricos (como o de autismo) têm crescido de maneira vertiginosa (Almeida & Neves, 2020); e a medicalização da vida tem se feito cada vez mais presente (Silva & Canavéz, 2017), surge o livro de Carrilho (2025), com o título de *A Transferência Irônica na Esquizofrenia*, editado pela Blucher. Nele, floresce uma espécie de resgate não só de uma nosologia Outra, mas enquanto elevação dos sujeitos aqui (re)tratados à sua dignidade humana e teórica.

Na esteira de pensamento proposto pela autora, cabe enfatizar que o viés patologizante não se limita ao diagnosticar o sujeito, mas também de prescindir do seu dizer e suas posições diante do Real, que emergem no contexto clínico – há, em tempos neoliberais, a sutura do Sujeito do

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0005-0000> E-mail: gustavo.de.siqueira.oliveira@gmail.com

Inconsciente e a patologização da diferença, ignorando o “*páthos*” da etimologia da palavra, focando-se, assim, nos efeitos medicamentosos que podem surgir no processo de eliminar aquilo que permite ao paciente se dizer e nos convocar a escutar sobre sua forma de estruturação.

Nesse sentido, Citando Carrilho (2025, p. 33, grifo nosso):

No DSM, há uma infinidade de supostas síndromes e desvios que desconsideram os processos próprios de desenvolvimento histórico e conceitual de cada uma das categorias descritas, e se obtém como justificativa para sua manutenção dentro dos manuais a reposta de um conjunto de sintomas mediante a exposição de determinado psicofármaco. *Porém, não é devido à boa resposta a um antígrípal que se pode determinar que uma pessoa apresenta gripe*

Nessa teia de significantes escrita com base em uma caligrafia singular, a reflexão presente nessa obra se constitui no ato de recolher a história da esquizofrenia, anteriormente chamada de “demência precoce”, e, na sequência, as singularidades que se apresentam na clínica das psicoses, em que, de modo irônico, apesar de historicamente os sujeitos psicóticos terem sido delegados ao silenciamento por parte de práticas e políticas manicomiais, eles persistiram em nos dizer, mesmo em momentos silenciosos, não só histórias e estórias, mas como a ironia (que por vezes permeia a cena analítica) pode ser um dos componentes de enlaçamento transferencial do analisante com o analista.

O trabalho de historicizar o diagnóstico da esquizofrenia na psiquiatria clássica até a concepção psicanalítica; apresentar como a linguística e a lógica estão ao nosso serviço na construção de nossa práxis e, por fim, utilizar de cenas clínicas para possibilitar uma transmissão ética e comprometida com a antimanicomialidade e a psicanálise (re)abre as portas para um respiro diante das práticas que silenciam o Sujeito do Inconsciente e priorizam a observação dos fenômenos comportamentais e suas respostas aos psicofármacos – práticas essas que meramente trocam a camisa de força física pelas químico-comportamentais

Por isso, a especificidade de pensar a ironia no laço transferencial com a esquizofrenia faz lembrar do que se constitui o fazer clínico: não um manual servido de uma gama de fenômenos e repostas psicofarmacológicas,

mas, justamente, da escuta da singularidade. A leitura de qualquer manual não diz sobre os sujeitos os quais se deparam no cotidiano, seja ele no consultório ou nas instituições – o que nos comunica é justamente permitir-se escutar aquilo que, muitas vezes, foi tachado de “patológico” ou até “bizarro”².

Ademais, em um país como o Brasil, o qual se consegue estruturar uma política como o Projeto Terapêutico Singular (PTS), fruto da luta antimanicomial, como constata Dias (2024), o trabalho de Carrilho (2025) reforça uma face importante da psicanálise brasileira: a escuta e a montagem do caso com base nas particularidades do sujeito de maneira antimanicomializante e, dessa forma, poder atuar com base nos dizeres do analisante – e não por manuais diagnósticos. Nesse caminho, o analista conduz o tratamento, mas não conduz o paciente.

Na obra de Carrilho (2025), fica claro que a práxis psicanalítica consiste em montar o caso aliado ao sintoma, aliado à “loucura”, convidando-a a circular pelo laço social e não tendo como horizonte o seu apagamento – é esse o direcionamento ético-político psicanalítico: sustentar que as diferenças possam existir e serem acolhidas, evitando processos normatizantes e que silenciem quaisquer indícios das particularidades dos Sujeitos que se presentificam na clínica.

Por fim, com a sua escrita, Carrilho (2025) também faz uma outra aposta, mesmo que velada: a troca entre pares, como na escrita de um livro, é um ponto crucial para a constituição da clínica e da formação do psicanalista. Por isso, a importância também de se escrever e produzir texto para manter-se vivo o debate acerca da loucura. Portanto, pode-se retomar Lacan (1977/2012, p. 19) para se concluir que “a psicose é o que um analista não deve recuar em nenhum caso” – e é isso o que a autora transmite, para não se recuar! Que se enlace, inclusive, por meio da ironia.

² Como exemplo dessa taxação, temos o texto de Mace et al. (1988), que nomeia as falas delirantes e alucinatórias de “bizarras”. Além disso, os pesquisadores desenvolviam técnicas para reduzir a frequência dessa modalidade de fala, silenciando os pacientes.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. L., & Neves, A. S. (2020). A Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? *Psicologia: Ciência E Profissão*, 40, e180896. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>
- Carrilho, M. M. (2025). *A transferência irônica na esquizofrenia*. Blucher.
- Dias, A. C. A. L. (2024). *A direção de tratamento e a política na saúde mental pública: articulações psicanalíticas sobre o bem-dizer* [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/42778>
- Lacan, J. (1977/2012). *Ouverture de la section clinique*. <http://www.ecole-lacanienne.net/documents/1977-01-05.doc>.
- Mace, F. C., Webb, M. E., Sharkey, R. W., Mattson, D. M., Rosen, H. S. (1988). Functional analysis and treatment of bizarre speech. *Journal of behavior therapy and experimental psychiatry*, 19(4), 289-296. [https://doi.org/10.1016/0005-7916\(88\)90060-2](https://doi.org/10.1016/0005-7916(88)90060-2)
- Silva, L. M., & Canavêz, F. (2017). Medicinalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. *Revista Subjetividades*, 17(3), 117-129. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i3.5813>

Recebido em 10/11/2025
Aceito em 02/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.